

foto de 1977  
A infância e o Antonio, filho de W. Cristina

Sérgio Buarque de Holanda: liberal intransigente, explicador do país, incurável brincalhão

HÉLIO C. MELLO

## MEMÓRIA

# Um sábio cordial

*O antiacadêmico que amava a erudição*

No dia de sua morte, no sábado retrasado, 24, o rádio e a televisão anunciaram que havia desaparecido o “homem cordial”. Havia nessa afirmação algum equívoco e um acerto involuntário. Os que pensavam que Sérgio Buarque de Holanda, 79 anos, havia sido o cantador da cordialidade brasileira, em seu famoso capítulo “O Homem Cordial”, do livro *Raízes do Brasil*, estavam redondamente enganados. Esse intelectual maior da cultura nacional jamais defendeu uma visão encantatória do homem brasileiro, e seu livro-chave, escrito em 1936, se limitava a registrar a aversão do brasileiro ao ritualismo social e sua preferência pelos caminhos do sentimento.

Inadvertidamente, porém, a afirmação fazia jus ao homem. Sérgio Buarque de Holanda foi um grande irreverente, alguém capaz de transformar uma defesa de tese numa pândega, um encontro com um desafeto em cerimônia sorridente, e de desmoronar um adversário com doses equânimes de erudição e gozação. Numa universidade tão pomposamente burocrática como a brasileira,

ele sempre se distinguiu pelo desprezo aos ritos e honrarias. Pudera: quando ingressou na Universidade de São Paulo para lecionar na cadeira de história da civilização brasileira, já era um crítico literário amadurecido, com uma coluna diária no *Jornal do Brasil* nos anos 40, e um explicador do país, graças a seu *Raízes do Brasil*.

Por quase nada dever à universidade, era um brincalhão ousado e incorrigível — e um militante acadêmico tão sério que em 1969 se aposentou como protesto pela cassação de seus colegas na Faculdade de Filosofia da USP. Não dava o braço a torcer, nem mesmo no dia-a-dia. Numa defesa de tese, de cuja banca fazia parte, chegou atrasadíssimo, com uma gravata colorida, flores, o ar tranquilo. “Qual é a tese hoje?”, perguntou na porta do prédio. “A do professor Fulano”, responderam. “Qual?”, repetiu intrigado. “Aquela sobre o período republicano”, veio a resposta. Sérgio Buarque entrou, fez uma argüição brilhante, saborosa, pertinente. Nem o candidato nem ninguém se deu conta de que ele sequer sabia o tema e a pessoa que

iria encontrar. Ou, por outra: vai ver tinha até lido a tese.

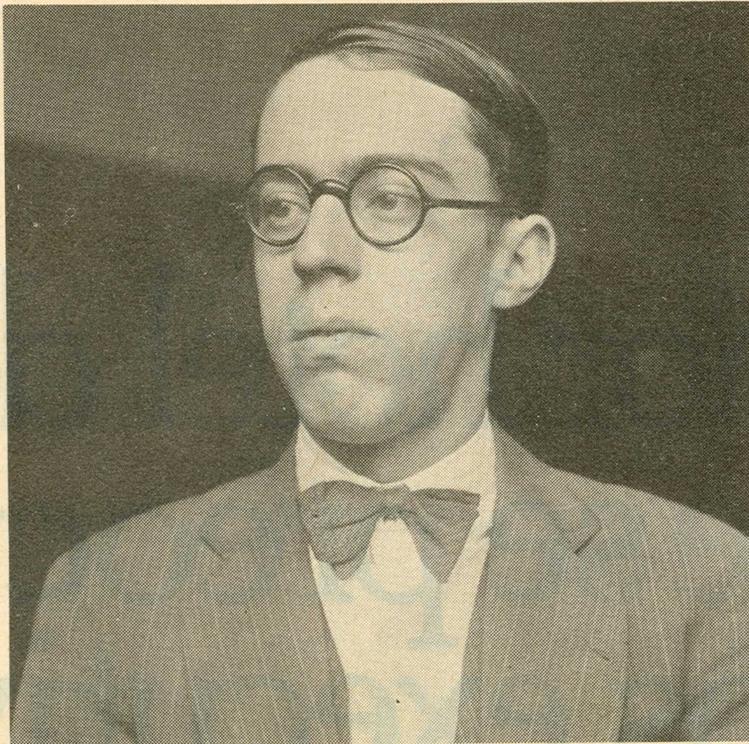
Liberal perfeito, intransigente com todos os autoritarismos, intelectual completo, Sérgio Buarque de Holanda foi sobretudo um pensador versátil. Seus livros dão disto um testemunho impecável, de *Raízes do Brasil* a *Visão do Paraíso* (1959), assim como seus múltiplos ensaios e trabalhos de crítica. Alguns deles, reunidos nas coletâneas *Cobra de Vidro* (1944) e *Tentativas de Mitologia* (1979), revelam a diversidade de suas preocupações, que iam da poesia à sociologia. Os textos são uma lição de elegância: ele tinha a preocupação, como dizia, de não sobrecarregá-los com “nomes e citações de autores mal conhecidos da maioria dos leitores, sabendo que eles servem principalmente para impressionar os inseguros e basbaques”.

Sérgio Buarque atirou — e acertou em cheio — em mais de um campo. Seu ensaio sobre Oliveira Viana desvenda as bases do autoritarismo a que o Estado Novo mais tarde daria forma. O testemunho sobre Graça Aranha revela as relações do acadêmico com o movimento modernista — de que Sérgio Buarque foi representante, no Rio, através da revista *Klaxon*, de Oswald de Andrade. Foi tão profícuo como apressadamente mal digerido. *Raízes do Brasil* foi mesmo considerado como uma ten-

tativa mistificadora, quando, como diz o professor Antonio Candido numa análise do livro, publicada em 1967, a obra contribuiu para desmistificar uma visão hierárquica e autoritária da sociedade corrente na época. Não se trata de um livro passadista, frisa Antonio Candido, pois capotou antes de muitos o sentido da evolução brasileira, com suas tensões constantes entre o urbano e o rural, contribuindo para uma interpretação dos caudilhismos modernos.

Mas não foi somente a noção de "homem cordial" que esteve sob o fogo cerrado dos mal-entendidos.

*Visão do Paraíso*, segundo o autor uma biografia das idéias migratórias até chegarem à América Latina, teve o mesmo destino. Chegou-se a atribuir ao historiador a explicação da colonização como uma busca do paraíso. Num prefácio à segunda edição do livro, Sérgio Buarque respondeu a seus críticos, esclarecendo que a ênfase nos elementos ideológicos não implicava reduzir a ocupação do Novo Mundo pelo europeu a uma



O jovem Sérgio Buarque

caçada ao Éden. De quebra, registrou uma justa crítica aos marxistas, que reclamavam de sua desatenção às condições materiais: "Mas até mesmo entre os teóricos marxistas vem sendo de há muito denunciado o tratamento primário e simplificador das relações entre base e superestrutura...", replicou.

A profusão de informações e re-

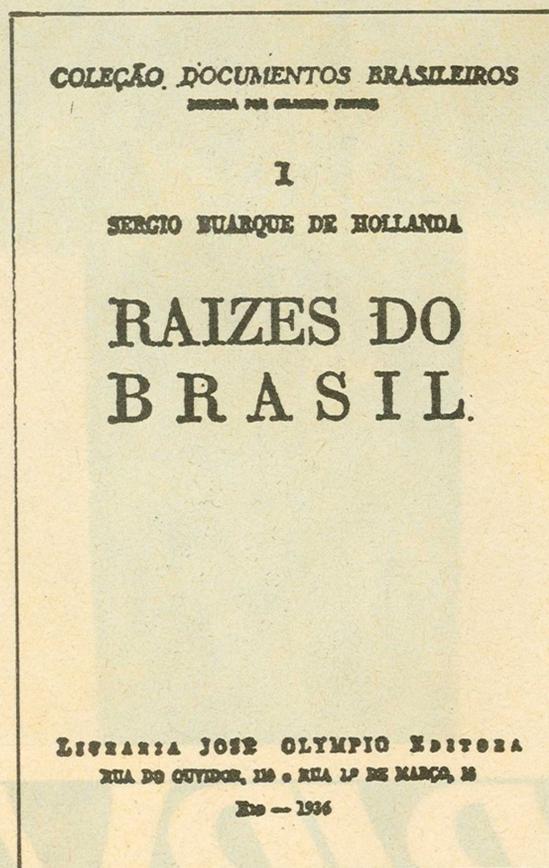
ferências em seus livros, como a agudez de suas polêmicas, teve sempre a leveza de que só é capaz um bom contador de histórias. "O passado, como simples espetáculo, não me interessa", costumava dizer. Talvez por isso o maior projeto da historiografia brasileira tenha ficado a seu encargo: os sete volumes da *História Geral da Civilização Brasileira*, do período colonial até a transição para a República, que ele dirigiu e coordenou entre 1960 e 1972.

"O pai do Chico", como se divertia em ser chamado, aludindo ao rebento mais famoso da família, o compositor Chico Buarque de Holanda, Sérgio Buarque levou a termos práticos sua crítica ao autoritarismo. Depois da queda do Estado Novo, foi um dos fundadores, com Manuel Bandeira, do Partido Socialista Brasileiro, quando se candidatou pela única vez a um cargo eletivo, o de vereador no Rio de Janeiro. Não foi eleito, mas em 1980, aos 77 anos, repetiu sua façanha de apostador prático da política: voltou ao mundo partidário como um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores, o PT. **Paulo Sérgio Pinheiro**▲

## Uma virtude que é malandragem

Trecho do capítulo "O Homem Cordial", do livro *Raízes do Brasil*:

"Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade — daremos ao mundo o 'homem cordial'. A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gaba-das por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar 'boas maneiras', civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante. Na civilidade há qualquer coisa de coercitivo — ela pode exprimir-se em mandamentos e em sentenças. Entre os japoneses, onde, como se sabe, a polidez envolve os aspectos mais



"*Raízes do Brasil*", 1ª edição

ordinários do convívio social, chega a ponto de confundir-se, por vezes, com a reverência religiosa. Já houve quem notasse este fato significativo, de que as formas exteriores de veneração à divindade, no cerimonial xintoísta, não diferem essencialmente das maneiras sociais de demonstrar respeito.

Nenhum povo está mais distante dessa noção ritualista da vida do que o brasileiro. Nossa forma ordinária de convívio social é, no fundo, justamente o contrário da polidez. Ela pode iludir na aparência — e isso se explica pelo fato de a atitude polida consistir precisamente em uma espécie de mímica deliberada de manifestações que são espontâneas no 'homem cordial': é a forma natural e viva que se converteu em fórmula. Além disso, a polidez é, de algum modo, organização de defesa ante a sociedade. Detém-se na parte exterior, epidérmica do indivíduo, podendo mesmo servir, quando necessário, de peça de resistência. Equivale a um disfarce que permitirá a cada qual preservar intatas suas sensibilidades e suas emoções.

Por meio de semelhante padronização das formas exteriores da cordialidade, que não precisam ser legítimas para se manifestarem, revela-se um decisivo triunfo do espírito sobre a vida. Armado dessa máscara, o indivíduo consegue manter sua supremacia ante o social. E, efetivamente, a polidez implica uma presença contínua e soberana do indivíduo".